

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO PÓS-PANDÊMICO: DESAFIOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA PERSPECTIVA DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

Janaína Vanessa da Silva¹

Roseli Maria Rosa de Almeida²

Resumo: Na presente pesquisa discutimos sobre o processo de alfabetização e letramento após a pandemia de Covid-19. Objetivamos de forma geral investigar e analisar como ocorreu o processo de alfabetização e letramento em duas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental, no período de pós-pandemia, em uma escola pública de Naviraí-MS. Os objetivos específicos consistiram em: i) identificar as práticas e métodos de alfabetização e letramento adotados pelas professoras; ii) identificar as perspectivas das professoras alfabetizadoras quanto à aprendizagem dos alunos, os desafios da alfabetização e letramento depois da pandemia de Covid-19; e, iii) averiguar as estratégias que a escola e as professoras alfabetizadoras adotaram para recuperar a defasagem na aprendizagem dos alunos. A estrutura metodológica desta pesquisa está pautada em uma abordagem qualitativa e em procedimentos metodológicos de campo, utilizando os seguintes instrumentos para coleta de dados: entrevistas semiestruturadas com as professoras do 1º ano e observações participantes seguindo o roteiro para a observação em sala. As principais conclusões da pesquisa foram: a identificação dos métodos que as duas professoras utilizavam, P1 utilizava o método fônico e alfabético, já a P2 utilizava o método alfabético; e que as práticas de leitura e escrita são voltadas para a especificidade da alfabetização, enquanto as práticas que envolvem o processo de letramento quase não foram trabalhadas. Os dados demonstram também que mesmo depois da pandemia, as professoras continuam preocupadas com a não frequência dos alunos às aulas e dificuldades com conteúdos iniciais do processo de alfabetização e letramento.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Pandemia. Desafios.

BEGINNING LITERACY AND LITERACY IN THE POST-PANDEMIC CONTEXT: PEDAGOGICAL CHALLENGES AND PRACTICES FROM THE PERSPECTIVE OF BEGINNING LITERACY TEACHERS

Abstract: In this research we discussed the process of beginning literacy and literacy after the Covid-19 pandemic. We aim in general to investigate and analyze how the process of beginning literacy and literacy occurred in two classes of 1º year of elementary school, in the post-pandemic period, in a public school in Naviraí-MS. The specific objectives consisted of: i) identifying the practices and methods of beginning literacy and literacy adopted by teachers; ii) identifying the

¹ Acadêmica do 8º semestre do Curso de Pedagogia da UFMS/CPNV.

² Docente da UFMS/CPNV e orientadora da pesquisa.

perspectives of beginning literacy teachers regarding student learning, the challenges of beginning literacy and literacy after the Covid-19 pandemic; and, iii) investigating the strategies that the school and beginning literacy teachers have adopted to recover the gap in student learning. The methodological structure of this research is based on qualitative approach and methodologica field procedures, using the following instruments for data collection: semi-structured interviews with the teachers of the 1^o year and participant observation in the classroom. The main conclusions of the research were that it was possible to identify the methods that the two teachers used, P1 used the phonic and alphabet method, while P2 used the alphabet method; and that the practices of reading and writing are focused on the specificity of beginning literacy, while the practices that involve the literacy process have hardly been worked on. The data also show that ever after the pandemic, teachers remain concerned about the non-attendance of the concern of students to classes and difficulties with initial contents of the beginning literacy and literacy process.

Keywords: Beginning literacy. Literacy. Pandemic. Challenges.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como temática o processo de alfabetização e letramento, com o foco voltado para os desafios de aprendizagem e ensino no contexto pós-pandêmico, em turmas do 1^o ano do Ensino Fundamental. Segundo Soares (2016), as práticas de alfabetização e letramento não devem estar limitadas somente na codificação e decodificação das palavras, trata-se de um processo mais complexo.

Silva e Coelho (2020, p. 92), também relatam que “[...] não se pode mais fazer uma criança simplesmente aprender a ler e escrever com o intuito de meramente codificar e decodificar a palavra [...]”. Sendo assim, alfabetizar e letrar é mais do que ensinar a ler e escrever, mas também é um processo que precisa ter um real significado para o aluno, em que este precisa compreender e fazer uso da língua escrita em seu cotidiano. Tais práticas devem reunir-se em propostas que busquem situar os alunos no mundo da escrita, num contexto em que a escrita e a leitura façam sentido e parte de suas vidas.

Com a pandemia da Covid-19, as aulas presenciais foram interrompidas e permaneceram, ao menos nas escolas públicas do município de Naviraí-MS, por dois anos em ensino remoto, pois foi necessário o afastamento social. As escolas foram as mais prejudicadas, pois muitas delas, principalmente as escolas municipais, permaneceram fechadas durante toda pandemia, retornando 100% de suas atividades presenciais só em 2022. Assim, com a pandemia da Covid-19, foi preciso que as escolas organizassem suas “[...] ações a fim de manter os vínculos de estudantes e famílias com as instituições educacionais [...]”, realizando “[...] propostas de educação a distância ou atividades remotas” (Anjos; Francisco, 2021, p. 126).

As aulas até então eram ministradas de forma remota, mas a questão é: como se alfabetizar crianças na modalidade de ensino remoto? Nas palavras de Soares (2022), numa palestra³ via Google Meet, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), no Campus de Naviraí-MS (CPNV), “é impossível uma alfabetização em ensino remoto”, pois as crianças necessitam de um contato direto com a professora, precisam de sua mediação, algo essencial quando estão passando pelo processo de alfabetização inicial.

Dessa forma, considera-se que a pandemia afetou, sobretudo, os alunos em fase de alfabetização. Segundo Mainardes (2021) para que a alfabetização ocorra, a criança precisa ser norteada, acompanhada, desafiada. Precisa de apoio e orientação constantes. Percebe-se inicialmente um prejuízo no processo de alfabetização, uma vez que, o ensino remoto perdurou por dois anos nas escolas públicas municipais, provocando uma distância entre alunos e professor e, na fase de alfabetização os alunos precisam da mediação do professor, do contato e interação.

O interesse em realizar a presente pesquisa, foi em avaliar como está caminhando o processo de alfabetização e letramento após a pandemia da Covid-19. Assim, o tema proposto é importante para investigar os desafios em alfabetizar e letrar no pós-pandemia, analisando as alternativas criadas pelo professor para melhorar a alfabetização e recuperar o aluno, que de alguma forma, foi prejudicado no seu desenvolvimento e aprendizagem da leitura e escrita.

Assim, considera-se que o processo de alfabetização é importante ser refletido, para garantir aos alunos diferentes oportunidades. Pensar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental é buscar colocá-los como centro da aprendizagem, em um ensino que considere os alunos, supere o modelo de ensino tradicional e que se torne significativo para os mesmos. Por isso, é que foi proposto a presente investigação em turmas do 1º ano do Ensino Fundamental, em escola pública da rede municipal de ensino de Naviraí-MS, partindo da seguinte questão: Quais são os desafios em alfabetizar e letrar no 1º ano do Ensino Fundamental, no pós-pandemia da Covid-19?

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em investigar e analisar como ocorreu o processo de alfabetização e letramento em duas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental, no período de pós-pandemia, em uma escola pública de Naviraí-MS. Os objetivos específicos desta pesquisa consistiram em: i) identificar as práticas e métodos de alfabetização e letramento adotadas pelas professoras; ii) identificar as perspectivas das professoras alfabetizadoras quanto à aprendizagem dos alunos, os desafios da alfabetização e letramento depois da pandemia de Covid-19; e, iii)

³ Palestra proferida por meio do Google Meet na XIV Jornada Nacional de Educação de Naviraí que ocorreu em formato híbrido no Campus de Naviraí (UFMS) entre os dias 23 e 25 de maio de 2022.

averiguar as estratégias que a escola e as professoras alfabetizadoras adotaram para recuperar a defasagem na aprendizagem dos alunos.

Para obter embasamento sobre a temática estudamos autores como: Britto (2007), Ferraro (2003), Galvão e Leal (2005), Ribeiro (2003), Silva (2007), Silva e Ferreira (2007), Soares (2003; 2016; 2020).

A metodologia utilizada no desenvolvimento deste estudo emergiu do campo da pesquisa qualitativa, do tipo descritiva, mediante a realização de observações participantes em sala de aula, durante as aulas de Língua Portuguesa, em escola pública da rede de ensino municipal e da realização de entrevistas semiestruturadas com duas professoras alfabetizadoras da rede municipal de ensino de Naviraí-MS.

2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM PANORAMA DOS CONCEITOS

Alfabetização e letramento são dois conceitos diferentes, mas que se complementam. Segundo Soares (2003), são termos comumente confundidos ou um se sobressai ao outro, causando a perda de especificidade do processo de alfabetização e do letramento. Assim, para evitar esse tipo de confusão é importante diferenciar, mas também aproximar a alfabetização do letramento. Quanto a isso, a autora nos diz o seguinte:

[...] a distinção é necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento como também este é dependente daquele (Soares, 2003, p. 90).

Para Silva (2021) tanto a alfabetização quanto o letramento são influenciados pela cultura e pela sociedade. Neste sentido, “a alfabetização está intimamente ligada com o letramento, um pressupõe o outro” (Silva, 2021, p. 101). Assim sendo, segundo Soares (2020, p. 11), “alfabetização não é a aprendizagem de um *código*, mas a aprendizagem de um *sistema de representação*, em que signos (grafemas) *representam*, não codificam, os sons da fala (os fonemas)”. Dessa forma, a alfabetização pode ser definida como um processo de aquisição da língua escrita.

De acordo com o pensamento de Silva (2021, p. 101), alfabetizar significa “[...] ensinar o aluno a ler e a escrever se apropriando das competências da compreensão dos sinais [...]”. Para isso, a autora diz que nesse processo, se faz importante a linguagem oral e escrita, para que os alunos dominem, ou aprendam, o sistema da linguagem escrita.

Segundo Silva (2021), o termo alfabetização, refere-se a um processo de ensino e aprendizagem, com a intenção de promover a compreensão da leitura e da escrita. Já Silva (2007), nos traz a ideia de que não se trata de um processo simples, que alfabetizar vai muito mais além do que só ensinar a ler e escrever, o autor descreve esse processo da seguinte maneira:

[...] alfabetizar é segurar firme a mão de uma criança quando ela chega à escola pela primeira vez, dar-lhe a devida segurança para superar possíveis receios ou medos e ir costurando todas as linguagens já em poder dessa criança no sentido de que ela, pelo empenho e pelo estudo, apodere-se de mais uma, a linguagem escrita (Silva, 2007, p. 4).

Segundo Galvão e Leal (2005, p. 13), “[...] o aprendizado da técnica só fará sentido se ele se fizer em situações sociais que propiciem práticas de uso [...] Nesse sentido, o uso social é que dá sentido ao domínio da técnica”. Assim, a aprendizagem da leitura e escrita, só tem sentido quando trabalhada e desenvolvida em situações que estão presente no cotidiano do aluno.

Para Silva (2021), o processo de alfabetização e letramento é fundamental para o desenvolvimento intelectual da criança. Depois de aprender a ler e escrever, a criança pode aprender muito mais do que é ensinado na escola. Como resultado, a leitura e a escrita passam a fazer sentido para a criança, pois são utilizadas não apenas na escola, mas também, no seu dia a dia, nas práticas sociais.

Vale ressaltar que o processo de alfabetização precisa ser abrangente, para além de uma abordagem mecânica, mas também, precisa ter um enfoque na expressão e compreensão, precisa ter especificidade e autonomia, considerando o contexto social, os fatores econômicos, culturais e políticos (Soares, 2016).

Alfabetização é algo que ocorre a partir da construção pela criança, de hipóteses acerca do desenvolvimento do sistema alfabético da escrita. “É utilizando-se de textos reais, tais como listas, poemas, bilhetes, receitas, contos, piadas, entre outros gêneros, que os alunos podem aprender muito sobre a escrita” (Galvão; Leal, 2005, p. 14). Assim, para que o aluno aprenda a ler e escrever, é preciso que ele seja desafiado, que reflita sobre a língua escrita, de forma a compreender e adquirir conhecimentos e habilidades específicas dessas duas práticas (leitura e escrita).

Quanto ao letramento, Soares (2003, p. 97), nos diz que pode ser “[...] entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais [...]”. Dessa maneira, o letramento tem a ver mais com as práticas de escrita e leitura, além da interpretação e produção de textos em diferentes contextos.

O letramento “[...] vai além da habilidade da decodificação, é quando o letrado utiliza instâncias públicas e privadas” (Silva, 2021, p. 101), se faz presente na sociedade, no meio social,

ou seja, tudo em nossa sociedade é letrado. Como por exemplo: panfletos, jornais, outdoor, placas de sinalização do trânsito, letreiro de comércio, rótulos de alimentos, entre outros. Assim, o indivíduo está cercado pelo letramento, ou seja, o letramento se faz presente a todo instante em sua vida, desde o seu nascimento (Silva, 2021).

De forma mais compreensível, pode-se dizer que a alfabetização é a aquisição da tecnologia e o letramento é o desenvolvimento das habilidades, conhecimentos e atitudes dessa tecnologia, inserindo-a nas práticas sociais. Quanto à aquisição da tecnologia, refere-se à aquisição da escrita, “[...] do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita [...]” (Soares, 2003, p. 91). Basicamente, é a aquisição do modo de ler e escrever, que envolve toda uma técnica, desde a ortografia até a forma de pegar no lápis, de seguir a forma correta de escrever na linha e ler uma página na direção correta.

O letramento, de acordo com Soares (2003, p. 91), refere-se “ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita [...]”. Envolve habilidades variadas do uso da leitura e escrita, mas inserido em práticas sociais, seja para interagir com os demais, seja para se informar ou informar os demais, ou até mesmo para ampliar seus conhecimentos e entre outros exemplos. De forma sucinta, o letramento tem a ver com “[...] habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos [...]” (Soares, 2003, p. 92).

Em sua análise, Soares (2020), considera que na educação é preciso “alfaletrar”, ou seja, não basta apenas o professor alfabetizar o aluno, mas sim, alfabetizar e letrar. Segundo a autora, esses dois processos são simultâneos e indissociáveis, ocorrem ao mesmo tempo e não se separam.

Dessa maneira, a alfabetização “[...] não procede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos, de práticas sociais de leitura e escrita” (Soares, 2020, p. 27). Assim, a alfabetização é desenvolvida no contexto de letramento, e o letramento só pode ser desenvolvido, quando há aprendizagem do sistema convencional da escrita.

Alfabetizar, na perspectiva do letramento é instrumentalizar os alunos com o código alfabético para que estejam aptos ao seu uso. Ensinar o código escrito na cultura central do letramento significa alfabetizar no “lugar certo”, através das práticas sociais, culturais, de leitura, oralidade e escrita (Silva, 2021, p. 102).

Assim, o processo de alfabetização e letramento, não se dá em apenas no ensinar a ler e escrever, mas também, como um processo significativo. Deve ser abrangente, não se deve focar apenas em codificar e decodificar as palavras, mas também, numa proposta que busca situar o aluno no mundo da escrita, em um contexto em que a escrita e a leitura façam sentido e se integre na vida do aluno (Soares, 2016).

Também, é preciso considerar, que a aprendizagem precisa ser significativa para o aluno. É importante considerar a individualidade do aluno, sua realidade e cultura, colocando-o como centro da aprendizagem da língua escrita.

2.1 A questão da alfabetização e do letramento no Brasil

A questão da educação no Brasil historicamente nos mostra que a situação do acesso à alfabetização configurou-se desigualmente entre a população. Para Ferraro (2003), a problemática da alfabetização, referindo à questão do analfabetismo, é uma preocupação recente no Brasil. Isso passou a ser considerado um problema no fim do Império, problema este relacionado com a política, mais especificamente, ao voto, uma vez que a Lei Saraiva, de 1882, proibia o voto de analfabetos e a maioria da população brasileira não sabia nem ler e nem escrever.

O “[...] censo de 1890 dera para o Brasil uma taxa de 82,63% de analfabetos para a população de cinco anos e mais [...]” (Ferraro, 2003, p. 197). O que acabou por colocar o Brasil no *ranking* de liderança, comparando aos outros países, tornando-se assim, uma grande vergonha para o país.

Segundo Soares (2020), a alfabetização no Brasil vem sendo considerada um fracasso há décadas, pois não é de hoje que os índices assustam. Segundo a autora (*ibid.*), “[...] em 1982, mais da metade das crianças repetia a 1ª série [...]”. Repetiam mais de uma vez, “[...] até que fossem consideradas alfabetizadas, o que significava, em geral, apenas serem capazes de decodificar (ler) e codificar (escrever) palavras” (Soares, 2020, p. 9).

Com relação ao que se considerar para identificar que uma pessoa é alfabetizada ou não, Britto (2007), explicita que o conceito nem sempre foi o mesmo no decorrer da história. O autor nos traz o seguinte argumento: “[...] no século XIX, as enquetes sobre alfabetização consideravam alfabetizadas pessoas capazes de escrever o próprio nome; já em torno dos anos de 1940, passou-se a considerar alfabetizada quem se demonstrasse capaz de ler e escrever um bilhete simples” (Britto, 2007, p. 20).

Britto (2007, p. 21) aponta também que em certo período “[...] o censo populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para estabelecer o índice de analfabetismo, indaga aos entrevistados se existe em sua casa alguém que não saiba ler e escrever”. O que quer dizer que o fator determinante de informação de quem seria alfabetizado ou não, é basicamente definido pela autodeclaração do indivíduo quando questionado.

A definição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), definia “[...] alfabetizada seria a pessoa capaz de ler e escrever com compreensão

uma frase simples e curta sobre sua vida cotidiana [...]” (Britto, 2007, p. 20). Dessa maneira, uma pessoa analfabeta, seria considerado o inverso disso, ou seja, incapaz de ler e escrever.

De acordo com Silva e Ferreira (2007), a partir de 1990 foi quando começou a surgir algumas iniciativas de avaliação do sistema escolar, como tentativa de detectar problemáticas e melhorar o cenário da educação no Brasil, tais iniciativas foram: o Sistema de avaliação da Educação Básica (SAEB), “[...] o Exame Nacional de Desempenho de Aluno (ENADE), substituto do “Provão” e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)” (Silva; Ferreira, 2007, p. 12). Os autores ainda citam o Projeto Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), que iniciou em 2000, trazendo a proposta de avaliar os alunos de três em três anos, objetivando “[...] avaliar, separadamente, a proficiência em leitura, matemática e ciências, identificando níveis de letramento em cada área” (Silva; Ferreira, 2007, p. 12).

Sob a expectativa de mudar esse cenário de fracasso, a fim de melhorar e debater sobre a importância que se tem a educação numa perspectiva de uma educação de qualidade, que “[...] a avaliação é considerada um indicador capaz de orientar políticas públicas na área, não só no Brasil como em outros países” (Silva; Ferreira, 2007, p. 13).

Outra iniciativa de avaliação, citada por Silva e Ferreira (2007, p. 13), é o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF), que “[...] avalia quais são os contextos de uso da linguagem escrita na vida diária, bem como leva em conta o julgamento desses sujeitos sobre suas próprias capacidades”.

Ribeiro (2003) define três níveis de alfabetismo e/ou letramento, descrevendo-os da seguinte forma: o primeiro nível “[...] corresponde a localizar informações explícitas em textos muito curtos, cuja configuração auxilia o reconhecimento do conteúdo solicitado”; já o segundo nível “[...] corresponde àquelas pessoas que conseguem localizar informações em textos curtos. Por exemplo, numa carta reclamando de um defeito numa geladeira comprada, identificam qual o defeito apresentado pela geladeira[...]”; já o terceiro nível “[...] corresponde à capacidade de ler textos mais longos, podendo orientar-se por subtítulos, localizar mais de uma informação, de acordo com condições estabelecidas” (Ribeiro, 2003, p. 16).

Atualmente, de acordo com o INAF, são cinco as habilidades e níveis de alfabetismo, sendo: analfabeto, rudimentar, elementar, intermediário e proficiente. Segundo Britto (2007, p. 26), quanto ao objetivo do INAF “[...] é levantar informações sobre habilidades e práticas de leitura, escrita e matemática da população brasileira entre 15 e 64 anos, de forma a fomentar o debate e subsidiar a formulação de políticas públicas de educação e cultura”.

A seguir apresenta-se a Tabela 1 com a última pesquisa do INAF, em 2018, quanto aos níveis de alfabetismo.

Tabela 1: Níveis de alfabetismo no Brasil

Níveis	2001-2002	2002-2003	2003-2004	2004-2005	2007	2009	2011	2015	2018
Analfabeto	12%	13%	12%	11%	9%	7%	6%	4%	8%
Rudimentar	27%	26%	26%	26%	25%	20%	21%	23%	22%
Elementar	28%	29%	30%	31%	32%	35%	37%	42%	34%
Intermediário	20%	21%	21%	21%	21%	27%	25%	23%	25%
Proficiente	12%	12%	12%	12%	13%	11%	11%	8%	12%
Base	2.000	2.000	2.001	2.002	2.002	2.002	2.002	2.002	2.002

* De 2001 a 2005 foram calculadas médias móveis de dois em dois anos, já que naquele período as habilidades de letramento e numeramento foram medidas separadamente em cada ano.

Fonte: INAF (2018)

Segundo Britto (2007, p. 31) “[...] o principal fator de alfabetismo, isto é, de aprender a ler e escrever e de usar a escrita nas muitas práticas sociais, é a educação escolar”. No entanto, Soares (2020) adverte que, por mais que se tenha universalizado o Ensino Fundamental, a democratização da educação não foi possível, pois “[...] ter acesso à escola, mas não ter acesso a um ensino de qualidade significa não conquistar igualdade de direitos e de possibilidades – bases da democracia” (Soares, 2020, p. 9). Dessa forma, o fracasso da alfabetização e do letramento, demonstrados nos índices e resultados de pesquisas e avaliações, apenas evidencia a precária qualidade da educação no Brasil.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho traz como metodologia a pesquisa de abordagem qualitativa do tipo descritivas. Também, realizamos uma pesquisa de campo, em uma escola pública no município de Naviraí-MS, em turmas do 1º ano do Ensino Fundamental, na disciplina de Língua Portuguesa. Os sujeitos participantes da pesquisa foram duas professoras alfabetizadoras, do 1º ano do Ensino Fundamental.

A coleta de dados foi realizada por meio de oito observações participantes em cada sala de aula, durante as aulas de Língua Portuguesa, entre os meses de março e abril de 2023; e as entrevistas semiestruturadas, sendo individuais com as duas professoras alfabetizadoras, do 1º ano do Ensino Fundamental, de uma escola da rede pública de ensino do município de Naviraí-MS.

De acordo com Günther (2006, p. 202), a pesquisa de natureza qualitativa se caracteriza como “[...] uma ciência baseada em textos, ou seja, a coleta de dados produz textos que nas

diferentes técnicas analíticas são interpretados hermeneuticamente”. Considerando essa caracterização de Günther (2006), que realizamos esta pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo descritiva, a fim de explorar informações mais subjetivas, de forma mais detalhada, uma vez que a pesquisa qualitativa tem como objetivo investigar e responder o porquê de determinadas coisas, ao tentar buscar por uma explicação coerente e científica.

Na primeira etapa foi realizado o levantamento bibliográfico de autores ligados ao tema e à metodologia e elaboração do projeto de pesquisa. Foram os principais autores: Britto (2007), Ferraro (2003), Galvão e Leal (2005), Ribeiro (2003), Silva (2007), Silva e Ferreira (2007), Soares (2003; 2016; 2020).

Na segunda etapa foi realizado uma pesquisa de campo numa escola da rede municipal de ensino de Naviraí-MS, sendo oito observações participantes em sala de aula, em cada uma das duas turmas do 1º ano do Ensino Fundamental, durante a disciplina de Língua Portuguesa. O objetivo da observação em sala de aula foi o de analisar como ocorre o processo de alfabetização e letramento, a fim de identificar as práticas adotadas pelas professoras alfabetizadoras. As vantagens da observação são várias, mas concordando com Gil (2008, p. 100), a principal vantagem é “[...] que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação”.

Na terceira etapa foi realizada uma entrevista semiestruturada, de forma individual com duas professoras alfabetizadoras da rede pública de ensino de Naviraí-MS, que lecionam em turma do 1º ano do Ensino Fundamental. A entrevista seguiu o roteiro de questões, o qual elaboramos, totalizando em 7 perguntas. A mesma foi gravada individualmente com cada uma das professoras. O objetivo da entrevista foi o de identificar as perspectivas das professoras alfabetizadoras quanto a aprendizagem de seus alunos, mas também foi de investigar os desafios da alfabetização e letramento no pós-pandemia.

A vantagem de realizar a entrevista é que ela “[...] oferece flexibilidade muito maior, posto que o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista”. Mas também, com a entrevista é possível “[...] captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e ênfase nas respostas” (Gil, 2008, p. 110).

Assim, o intuito foi de observar como acontece o processo de alfabetização e letramento, observar as práticas adotadas pelas professoras na sala de aula e os métodos/metodologias utilizados pelas professoras. Quanto à entrevista, o intuito foi de investigar sobre as perspectivas e relatos das professoras, referente ao processo de alfabetização e letramento, no contexto pós-pandêmico.

Na quarta etapa os dados coletados foram organizados, analisados e discutidos tendo em vistas à redação do Trabalho de Conclusão de curso Pedagogia da UFMS/CPNV.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A alfabetização e o letramento das crianças: um olhar das professoras

A pandemia da Covid-19 trouxe muitas mudanças na vida de todos os indivíduos, inclusive, as mudanças após a pandemia, também foram necessárias na área de educação, pois há indícios de durante o contexto em questão, grande parte das crianças não foram alfabetizadas. Assim, notamos que é essencial haver mudanças para que possa buscar a recuperação do déficit de aprendizagem dos alunos, mas também repensar em como se dá o processo de alfabetização e letramento.

Dessa maneira, foi elaborado um roteiro de perguntas, totalizando sete questões, para que pudéssemos fazer uma análise das respostas das professoras alfabetizadoras. As entrevistas foram realizadas no dia 19 de abril de 2023, de forma individual, em horários distintos, no momento em que as professoras estavam em “hora atividade”. Para garantir a privacidade da instituição de ensino e das entrevistadas, ocultamos o nome da escola e para preservar a identidade das participantes, optamos por chamá-las de P1 (Professora 1) e P2 (Professora 2).

Primeiramente, perguntamos sobre **quais foram os desafios para alfabetizar e letrar na turma do 1º ano do Ensino Fundamental, no período de pós-pandemia**. Assim, a P1 disse “no pós-pandemia o maior desafio é o déficit, de falta, é muita falta, eles não estão mais frequentes igual eram, parece que eles perderam um pouco o interesse, eles faltam bastante” (2023). Já a segunda entrevistada, apontou que:

É muito difícil, porque eles estão vindo da pré-escola muito defasados na sua aprendizagem, chega aqui, nós temos que dar conta das atividades, das coisas que a pré-escola não fizeram e temos que acrescentar o nosso e o deles também, por isso se torna difícil, se cada um fizesse a sua parte não tornaria difícil (P2, 2023).

Podemos observar na fala da P1, que o maior desafio para ela se dá pelas faltas dos alunos, o que dificulta o trabalho em alfabetizá-los e letrá-los, já que não são tão frequentes em sala de aula. O processo de alfabetização e letramento requer uma intensa mediação da professora alfabetizadora, pelo “[...] fato de ainda não terem a autonomia para leitura e escrita traz limitações grandes [...]” (Mainardes, 2021, p. 58), ainda mais quando as crianças não são frequentes nas aulas.

Assim, as faltas são consideradas um desafio no processo de alfabetização e letramento porque esse é um processo contínuo. Quando o aluno falta, perde o conteúdo, perde a atividade, a explicação da professora, ao passo que o aluno que está presente às aulas, tem a possibilidade de aprender aquilo que foi desenvolvido em sala de aula. Em uma turma que os alunos faltam muito, pode-se ter dificuldade no avanço do conteúdo, uma vez que a professora precisa ficar “retomando sempre aquilo que já foi explicado e que já foi dominado pelos alunos frequentes”, o que pode causar dificuldades maiores no processo de aprendizagem. Dessa maneira, o aluno faltoso pode não ser alfabetizado, devido ao fato de perder atividades e não ter a mediação constante da professora em sala de aula, pois:

Nada substitui o contato com a criança, o olhar, a palavra de estímulo. Pegar na mão para ajudá-la a escrever algo, convidá-la para vir ao quadro, apontar uma palavra com o dedo, ler partilhadamente com ela pequeno texto, uma frase, uma palavra, uma letra. Todas essas ações fazem parte do processo e permitirão que, um dia, possam ler e escrever com autonomia, sem ajuda [...] (Mainardes, 2021, p. 60).

Já a P2 relata que é um desafio para ela ter que dar conta do seu planejamento e ter que retomar atividades que deveriam “ser desenvolvidas na pré-escola”. Até porque algumas crianças tiveram o primeiro contato com a escola ainda esse ano, nem todas frequentaram a Educação Infantil, e aqueles que frequentaram, foi o seu primeiro contato com a educação escolar. Dessa maneira, pode-se intuir que algumas crianças em transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, possuem certo “[...] déficit no desenvolvimento da coordenação motora fina, dificuldade de concentração, socialização, compreensão de informações abstratas, dimensão emocional abalada e dificuldades de seguir rotinas” (Domingos *et. al*, 2023, p. 18).

Ao serem questionadas sobre **quais seriam os desafios encontrados pelos alunos na aprendizagem do sistema da escrita, no pós-pandemia**, a P1 mencionou que “o desafio encontrado por eles, é a leitura mesmo, o conhecer mesmo as letras está bem difícil” (2023). Já a P2 falou:

O desafio dos alunos, principalmente, porque eles são faltosos, e os pais não têm tanta responsabilidade de estar mandando eles para a escola, principalmente o 1º ano. Sim, tem pais que são muitos responsáveis, manda direitinho, mas a maioria não tem o compromisso, e principalmente de ajudar em casa e nem vê se eles estão fazendo as atividades, se eles estão fazendo a tarefa. Então os pais, pelo que observamos, eles estão deixando tudo para os professores lidar, principalmente a educação que não é nossa parte (P2, 2023).

Analisando a resposta da P1, nos damos conta de que o processo de alfabetização e letramento não é simples, como Silva (2005, p. 136) expõe, durante esse processo os alunos possuem dificuldade “[...] ao tentar ler e escrever sozinhos antes de dominar a escrita alfabética”. A autora pontua que os indivíduos que estão nesse processo, sabem que sozinhos não conseguem

ler e escrever com autonomia. Ainda afirma que é possível sim, que eles possam ler e escrever, mesmo não sendo alfabetizados, desde que as atividades sejam mediadas por outro indivíduo que domina o sistema de escrita alfabética, nesse caso, o professor alfabetizador (Silva, 2005). Então, “é necessário acentuar que eles precisam de apoio e mediação nessas atividades” (Silva, 2005, p. 136).

Assim, é preciso que os professores alfabetizadores orientem “[...] atividades em que os alunos reflitam sobre o sistema alfabético de escrita” (Silva, 2005, p. 133). Ao ensinar a ler e escrever, deve-se fazer uso da leitura e da escrita em diferentes contextos, pois “[...] a criança precisa não só se apropriar do sistema de escrita, mas, também, desenvolver as habilidades de leitura e produção de textos orais e escritos” (Silva, 2005, p. 135).

Ao analisar a resposta da P2, mais uma vez nos deparamos com a questão das faltas dos alunos, exposta pela P1 na primeira pergunta da entrevista. Essa questão, concomitantemente, pode ser um dos fatores pelo qual, como foi exposto anteriormente pela P1, os alunos possuem dificuldades em reconhecer as letras. Para que a criança se aproprie do sistema alfabético, “é necessário o desenvolvimento de um trabalho sistemático e diário que leve os alunos a refletir sobre os princípios desse sistema” (Coutinho, 2005, p. 67). Mas como a criança pode aprender a ler e a escrever, se ela não é frequente na escola, e quando vai para escola não realiza as tarefas de casa?

Também, foi perguntado sobre **como as professoras percebem as defasagens de aprendizagem com a pandemia**. Assim, a P1 respondeu: “Com a pandemia, percebo que eles estão bem atrasados no conteúdo, tem que retomar conteúdos que às vezes é da Educação Infantil e tem que estar passando aqui” (2023). E a P2 também respondeu:

Que eles não tiveram os conteúdos e que se eles tivessem feito eles mesmos não teria tanta defasagem, mas na pandemia quem fazia as atividades eram os próprios pais, e eles ajudavam e na pandemia eles viram como é difícil cuidar de um filho, e nós temos 30 na sala de aula e temos que dar conta, teve muitos pais que reclamaram que não estavam dando conta, que os filhos não obedeciam e que não queria fazer, e depois da pandemia eles voltaram muito sem vontade de fazer, sem interesse (2023).

Ao analisar as respostas, ambas relatam sobre a falta de conhecimento de alguns conteúdos, que as crianças deveriam ter visto na pré-escola, pois o processo de alfabetização e letramento também está relacionado à Educação Infantil (Mainardes, 2021). Uma vez que na Educação Infantil precisa trabalhar com os aspectos do letramento, para que ao chegar ao Ensino Fundamental as crianças sejam alfabetizadas na idade certa, ou seja, trabalhar a linguagem oral e escrita considerando os aspectos da inserção da criança no mundo letrado. Não é um trabalho de alfabetização restrita, na etapa da Educação Infantil, mas sim, um trabalho que garanta sua

inserção na cultura letrada de forma lúdica, garantindo o direito da criança de brincar, despertando a sua curiosidade, apresentando para ela o mundo letrado de uma forma divertida (Dantas; Silva; Moura, 2022).

Assim, segundo a Base Nacional Comum Curricular (2018), alguns objetivos explorados na Educação Infantil, podem ser “[...] ampliados e aprofundados no Ensino Fundamental, e não como condição ou pré-requisito para o acesso ao Ensino Fundamental” (Brasil, 2018, p. 53).

Indagamos sobre **o que a escola e os professores estavam fazendo para recuperar os alunos**. Dessa maneira, a P1 falou:

A recomposição de aprendizagem, voltar os conteúdos que eles perderam, ir mais devagar. A escola tem projeto de reforço, mas é a partir do 2º ano. Com o 1º ano a gente faz é na sala mesmo, retomar o conteúdo, que às vezes é da Educação Infantil, e estar passando para eles de novo (P1, 2023).

A P1 acabou por citar sobre a recomposição da aprendizagem, que se configura em um termo que “[...] diz respeito a aprender aquilo que não foi possível [...]” (Duarte; Duarte; Silva, 2022, p. 118). Sendo assim, a recomposição tem sentido de restauração, como forma de garantir a aprendizagem aos alunos que tiveram um aprendizado incompleto devido a pandemia. Afim, de garantir que todos tenham a oportunidade de alcançar um nível satisfatório de compreensão e proficiência nas matérias.

Quanto à retomada dos conteúdos, considera-se uma boa estratégia de toda a equipe escolar para a garantia da recomposição de habilidades não adquiridas pelos alunos durante a pandemia. É importante que a escola contemple também, estes alunos com defasagem na aprendizagem, objetivando amenizar as dificuldades encontradas por eles durante o processo de alfabetização e letramento. Sendo assim, por que não conceber uma ou mais estratégias para recuperar esses alunos que apresentam déficit nos conhecimentos? Por que não pensar também, em estratégias que vão além da sala de aula?

Já a resposta de P2, foi a seguinte:

A escola oferece reforço e os professores que tem força de vontade, faz muito além do que ele deve fazer. Eu mesmo sou uma pessoa que faço de tudo pro meu aluno conseguir aprender, eu dou muito no concreto, eu trabalho muito no individual. Então é difícil, a alfabetização é a série mais difícil que tem, porque você tem que começar do topo, é igual um alicerce, igual uma casa tem que começar no alicerce, se for um alicerce mal feito a casa cai, é igual com a criança (P2, 2023).

Acredita-se que é preciso muito mais que força de vontade, mas sim, um compromisso com formação integral desses indivíduos, a fim de recuperá-los. Além disso, buscar diferentes metodologias de ensino que visem à aprendizagem do aluno, reorganizando o planejamento,

pensando em atividades que desafiem os alunos para que este venha a aprender e superar suas dificuldades. Para Leal (2005, p. 109)

[...] alfabetizar é uma atividade complexa, que exige profissionalização, planejamento, conhecimentos de diversos tipos, e compromisso, sendo necessário, portanto, dedicarmos ao estudo e ao desenvolvimento de nossas próprias capacidades.

A quinta pergunta foi sobre **os métodos de alfabetização e letramento que são utilizados pelas professoras**. A P1 disse: “Eu estou utilizando o método fônico, que é os sons das letras, porque através do som eu acho que eles aprendem melhor e mais rápido, depois que eles aprendem o som, que percebem o som das letras, rapidinho eles aprendem a ler tudo, vai de uma vez” (P1, 2023). Já a P2 respondeu:

Eu uso todos que eu aprendi e que me passam, o que eu vejo que dá certo, eu coloco tudo, eu não defino, não tenho só um método não, eu uso os meus métodos, aqueles que eu sei que vão aprender, esse eles estão aprendendo então vou usar esse método, e cada aluno não aprende com um método só, tem uns que aprendem com um método e daí outro tem que tratar já diferente, cada um é cada um, não dá para usar o mesmo método para todos os alunos, sempre tem que ser os métodos um pouco diferente (P2, 2023).

O método fônico (correspondência entre as letras e seus sons), exposto pela P1, tem como objetivo o desenvolvimento da consciência fonológica. Segundo Sebra e Dias (2011, p. 311), “quando associadas ao ensino das correspondências entre letras e sons, as instruções de consciência fonológica tem efeito ainda maior sobre a aquisição de leitura e escrita”. Soares (2013), em uma entrevista ao Canal Futura, relata que não se pode falar em método no singular, defendendo a ideia de que para alfabetizar crianças, que são diferentes, que vivem contextos diferentes e aprendem de maneira diferente, é preciso utilizar de várias estratégias de ensino. Então, como foi dito pela P2, numa sala de aula não dá para aplicar apenas um método de alfabetização. E para isso, é importante que o professor saiba identificar as dificuldades de aprendizagem que seus alunos possuem e adaptar as situações de ensino.

Utilizar um método de alfabetização, em sala de aula, é utilizar de conhecimentos teóricos relacionados à prática, para finalmente alcançar o nível desejado de alfabetização e letramento. Por isso, é importante nesse processo, a utilização de métodos para alcançar sucesso na alfabetização dos alunos, mas para isso é preciso de conhecimentos, e não somente sobre os métodos, mas também sobre o sistema de escrita alfabética e sobre as maneiras que a criança aprende.

No entanto, como vimos na resposta da P2, por mais que ela dissertasse sobre a utilização de métodos e no plural, ela não soube responder de quais métodos ela utilizava em sala de aula, talvez por falta de conhecimentos sobre a teoria ou por ter confundido método com metodologia.

Pelinson (2013, p. 8) afirma que “[...] os professores estão acostumados a trabalhar com princípios de todos os métodos de alfabetização, mas não sabem de onde vem cada um deles, qual a sua importância, quais as suas limitações e em que momento cada princípio deve ser trabalhado”.

Foi perguntado às professoras, sobre **quais os mecanismos/práticas de ensino foram criadas pelas professoras para que o aluno aprenda**, dessa forma a P1 expressou-se: “Eu uso bastante o livro didático, que eu acho que é uma coisa que ajuda bastante, leitura para eles na sala todos os dias, e bastante leitura, eu leio bastante para eles” (2023). E quanto à P2, ela expôs o seguinte:

Eu uso muito material concreto, eu uso muito a fala, a gente tem que falar muito, conversar muito, explicar muito, então tem que ser muito no concreto, porque se você só for passar na lousa, eles não aprendem e não dá tempo, então eu dou muitas atividades mimeografadas, xerocadas, para dar tempo. A gente fala 200 dias letivos, mas 200 dias letivos passa muito rápido e tem muita coisa para explicar para eles, porque eles já vêm defasados da outra série, se eles tivessem vindo com os conteúdos que eles deveriam ter aprendido lá na pré-escola, dava pra gente continuar o conteúdo da gente, às vezes não dá nem pra terminar (P2, 2023).

Na resposta da P1, ela pontua sobre a leitura em sala de aula, quanto a isso Silva (2005) diz que para a alfabetização e o letramento é preciso fazer uso da leitura e da escrita, de forma constante. Assim, segundo a autora, as crianças precisam ser envolvidas em atividade de leitura, de reflexão sobre o sistema de escrita e de produção de textos. Quanto ao livro didático, considera que até estão presentes neles diversos gêneros textuais que podem ser trabalhados para a leitura e produção de textos, no entanto “[...] nem sempre desenvolvem boas atividades com base nas quais os alunos possam refletir explicitamente sobre os princípios do sistema da escrita” (Silva, 2005, p. 134).

Com relação à questão do tempo que foi levantado pela P2, Silva (2005), discute que as tarefas para alfabetizar e letrar são complexas, pois envolvem: “[...] registrar, gerar e selecionar os conteúdos, pensar na maneira como esses conteúdos devem estar organizado no papel em branco, além dos processos de textualização, em que os alunos precisam fazer escolhas de recursos coesivos, seleção de vocabulário [...]” (Silva, 2005, p. 135). Sendo assim, é preciso ter cautela ao organizar o trabalho pedagógico, para que esse possa envolver, como mencionado anteriormente, atividades de leitura, de produção de textos de diferentes gêneros e ainda propiciar a reflexão do sistema de escrita alfabética (Silva, 2005). Considerando isso, é que levanto a questão: como haverá uma reflexão, por parte dos alunos, sobre o sistema de escrita, com atividades xerocopiadas, iguais para todos?

Por fim, foi perguntado sobre **como acontece o processo de alfabetização e letramento após a pandemia de Covid-19**, desse modo a P1 respondeu o seguinte:

Após a pandemia, está acontecendo bem devagar, o processo de alfabetização está indo bem lento, o que já era assim, se não tivesse tido esse ano atípico, às vezes já tinha bastantes crianças já lendo. Agora, eles estão saindo do pré-silábico para entrar no silábico com valor ou sem valor, e se fosse um ano que não tivesse tido isso, às vezes eles já estavam no silábico-alfabético, às vezes já estava no silábico com valor, a maioria, e agora que eles estão saindo do pré-silábico (P1, 2023).

Dessa maneira, segundo a P1, antes da pandemia o processo de alfabetização e letramento já era lento, mas no pós-pandemia, está ainda mais lento, pois a evolução da escrita da criança não está avançando tão rápido, por isso ela não consegue subir de nível. Sendo assim, a criança ainda não consegue compreender que a escrita representa os sons da fala, o que pode estar gerando conflitos na elaboração de novas hipóteses.

Contudo, a resposta da P2 foi:

Depois da pandemia, eu percebi que as crianças “não querem nada com nada” e principalmente os pais, eles estão muito desanimados e qualquer “gripezinha” eles não vêm pra escola. Agora, só vivemos na fase do medo, mesmo que nós tomamos a vacina, nós só vivemos com medo, porque cada um tem seu organismo diferente e parece que depois dessa pandemia as crianças estão pegando mais gripe, estão ficando mais doente e os pais estão tendo mais medo de mandar eles para a escola, tá bem complicado.

Percebemos que a P2 desviou da pergunta e acabou não respondendo o que lhe foi indagado. Porém, mais uma vez ela levanta a questão da falta de interesse por parte dos alunos, o desânimo de frequentar a escola e de fazerem as atividades. Ela pontua também os aspectos psicológicos, emocionais e sociais do processo pandêmico, o que não podemos descartar.

4.2 Análise das observações em sala de aula

Procuramos analisar como ocorre o processo de alfabetização e letramento, para isso foi realizada a observação participante, em um total de oito visitas à escola, sendo quatro dias na sala da P1 e mais quatro dias na sala da P2, durante as aulas de Língua Portuguesa, entre os meses de março e abril de 2023. Primeiro, a observação foi realizada na sala da P1, e somente depois, na sala da P2.

O intuito foi de observar como acontece o processo de alfabetização e letramento, observar as práticas adotadas pelas professoras na sala de aula e os métodos/metodologias utilizadas pelas professoras.

No primeiro dia as crianças foram recebidas e a P1 fez a rotina, cantando a música de acolhida. Depois, escreveu o cabeçalho na lousa, indagando os alunos sobre o nome da cidade, o

dia, o mês, o ano e o dia da semana. Logo após, com o auxílio do banner pedagógico do alfabeto, ela perguntou qual era o nome das letras do alfabeto e depois quais eram as vogais.

Relembrou a seguir, às crianças que cada letra tinha um nome e também o som, assim, ensinou as crianças os sons das letras. Informou às crianças que eles levariam um caderno de leitura para fazer atividades em casa. Depois, solicitou que as crianças copiassem da lousa o cabeçalho e passou de mesa em mesa, indicando onde deveriam começar a escrever. Após terminarem o cabeçalho, escreveu na lousa “ditado” e enumerou de 1 a 7, e pediu para que as crianças copiassem. Ditou palavras como: AI, OI, AU, EI, EU, AO, OU.

No segundo dia, novamente a P1 fez a rotina, cantando música, escreveu o cabeçalho na lousa, realizou a leitura do alfabeto e das vogais e seus sons. Trouxe um livro para contar uma história para as crianças, cantou a música para iniciar a contação de história e depois leu o livro: “E o dente ainda doía” de Ana Terra. Após, mostrou para as crianças a letra “A”, explicando que as letras têm quatro formas diferentes, assim, ela escreveu as formas desta letra.

Na primeira atividade, as crianças tinham de identificar as vogais nos nomes dos personagens, no livro didático. Na segunda atividade deveriam encontrar em um quadrado, com letras bagunçadas, o nome da “Aline”. Na terceira, tinha de pintar a letra “A” no alfabeto. Na quarta, tinham de copiar no livro, as quatro formas da letra “A”. Já na quinta atividade do livro didático, tinham de ligar as letras maiúsculas e minúsculas. E por último, deveriam escrever seu nome e circular a letra “A”, caso tivesse em seu nome.

No terceiro dia, mais uma vez a P1 fez a rotina e depois, escreveu as vogais na lousa, e as crianças fizeram a leitura, essa parte ela disse que eles não precisariam copiar. Então, entregou para as crianças livros velhos, utilizados para recorte e solicitou que os alunos recortassem as vogais e colassem no caderno. Após, realizou ditado de palavras para as crianças, com 10 palavras monossílabas.

No quarto e último dia na sala da P1, ela fez a rotina e entregou o livro didático. As atividades do livro eram sobre a letra “O”. Assim, ela lembrou aos alunos de que todas as letras têm quatro formas diferentes e escreveu na lousa as quatro formas da letra “O”. Na primeira atividade, as crianças deveriam copiar as quatro formas da letra “O” no livro. Na segunda atividade, ligar as diferentes formas da letra “O” maiúsculas nas maiúsculas e as minúsculas nas minúsculas. Na terceira atividade, ela lembrou os sons desta letra, comparando o som da palavra “ovo” e “oto”, verificando o som da letra “O”, nessas duas palavras.

Na quarta atividade, deveriam indicar a palavra que tinha o som da letra “O” aberto. Na quinta atividade, a professora realizou a leitura de uma parlenda e as crianças deveriam circular nesta parlenda, todas as letras “O”. Depois, ela deu início a atividade sobre a letra “I”, em que os

alunos deveriam pintar as letras “I” dos nomes dos personagens do livro e depois copiar o nome do menino que começava com a letra “I”.

Sendo assim, foi possível identificar durante as observações que a P1 utiliza bastante o livro didático em suas aulas, como material de apoio em seu trabalho pedagógico. Mas também utiliza outras práticas de alfabetização, como a leitura de textos e atividades de escritas, bem como ditados de palavras, voltados para a pauta sonora. Além disso, ela manda como dever de casa, caderno de leitura, com atividades voltadas para os sons das letras e encontros vocálicos.

Quanto à observação na sala da P2, no primeiro dia ela passou o cabeçalho na lousa, perguntou às crianças como estava o clima e desenhou na lousa. Pediu para que eles copiassem o cabeçalho no caderno. Depois, entregou uma atividade de pintura, em que deveriam pintar conforme o indicado, as palavras eram formadas pelas vogais, palavras monossílabas.

No segundo dia, a P2 fez o cabeçalho na lousa e as crianças copiaram. Depois, pediu para uma aluna entregar as folhas de atividade, em que deveriam completar as letras que estavam faltando de acordo com o desenho. A professora fez a leitura da atividade e as crianças fizeram junto com a professora. Depois ela solicitou que outro aluno entregasse a próxima atividade, em que eles deveriam pintar o nome correto, conforme o desenho e depois escrever o som inicial e o som final de cada palavra.

No terceiro dia, novamente, fez a rotina, de escrever o cabeçalho e depois entregou a folha de atividade para as crianças, pediu para que em cada quadrado escrevessem a letra do alfabeto e entregou revistas para que pudessem recortar e colar as letras correspondentes.

No quarto e último dia, a P2 fez a rotina e entregou a folha de atividade, em que as crianças deveriam escrever a letra inicial de cada uma das figuras correspondentes, que estavam na ordem do alfabeto. E depois solicitou para que eles pintassem os desenhos.

Sendo assim, foi possível identificar durante as observações na sala da P2, que ela utiliza bastantes atividades xerocopiadas, como material pedagógico. Quanto às atividades, estão voltadas para a identificação de letras e para consciência fonológica. E todos os dias, ela manda como dever de casa, atividades como as que utiliza em sala.

Desse modo, foi possível de observar como ocorre o processo de alfabetização e letramento no cotidiano escolar, sendo este um processo lento e gradativo. Também, percebeu-se que o processo de ensino está voltado para a especificidade da alfabetização. Além disso, com a observação participante, possibilitou que identificássemos os métodos de alfabetização utilizados pelas professoras, sendo elas adeptas aos métodos sintéticos (fônico e silábico).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de Covid-19 impactou a educação brasileira, em especial, o período de alfabetização, em que as crianças precisam bastante da mediação do professor para aprender, por isso, muitas crianças não foram alfabetizadas no tempo correto⁴. Observamos também que, com as voltas às aulas presenciais, muitas crianças “pularam” a etapa da Educação Infantil e foram diretamente para a escola de Ensino Fundamental, etapa essa considerada muito importante, uma vez que na pré-escola a criança é inserida no mundo letrado, aprende a escrever seu próprio nome, as letras do alfabeto, aprende a pegar de forma correta no lápis, enfim, passando pela pré-escola, a criança já entra na escola com vários conhecimentos, o que não foi o caso, com a volta das aulas presenciais.

No caso das turmas do 1º ano do Ensino Fundamental, a maioria dos alunos frequentou a última etapa da Educação Infantil, dessa maneira, eles tiveram uma base para a alfabetização. No entanto, pode ser que essa base não tenha sido sólida, principalmente para o desenvolvimento da criança, porque podemos perceber o quanto as crianças ficaram ansiosas, impacientes e imediatistas, assim, como mencionado pela P2, que eles estão com dificuldade para a frequência à escola e na realização das atividades. Talvez, isso seja uma das consequências do período pandêmico, pois sabemos que a Educação Infantil desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças.

O objetivo geral da referida pesquisa foi investigar e analisar como ocorreu o processo de alfabetização e letramento, no contexto pós-pandemia, assim, foi possível averiguar que o mesmo é um processo lento e complexo, que ocorre de forma gradual. O ensino ocorre a partir das unidades menores do sistema de escrita alfabética para as maiores, ou seja, primeiro é ensinado as letras, fonemas e sílabas, para somente depois, partir para as palavras, frases e textos.

Também, foi observado que nessa etapa escolar, no 1º ano do Ensino Fundamental, a alfabetização é muito mais trabalhada do que o letramento. Assim, não foi possível de observar práticas de letramento no período da observação participante, pois não houve momento de leitura e escrita em situações do dia a dia, nem conversas sobre textos lidos. Quando havia leitura, esta não era explorada, era apenas leitura realizada pela professora, sem que a criança pudesse refletir, interpretar ou mesmo comentar. Assim, o foco estava voltado para a aquisição das letras e dos

⁴ A Lei Nº 1933, de 16 de Junho de 2015, que estabelece o Plano Municipal de Educação do Município de Naviraí/MS, indica como meta: “Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental”. Tendo como estratégia: “5.1. estruturar os processos pedagógicos de alfabetização, a partir do ano de 2015, nos anos iniciais do ensino fundamental, articulando-os com as estratégias desenvolvidas na pré-escola, com qualificação e valorização dos(as) professores(as) alfabetizadores(as), por meio de cursos de formação continuada, garantidos no calendário escolar, com apoio pedagógico específico, a fim de garantir a alfabetização de todas as crianças”.

sons, o que chamamos de aprender a “mecânica da escrita”. Foi possível observar que o processo de ensino e aprendizagem se faz com as seguintes ações: repetir, copiar e decorar, pois o intuito da escrita é acertar a forma correta de como se escreve.

Quanto aos demais objetivos dessa pesquisa, foi possível identificar as seguintes práticas de alfabetização: leitura em voz alta, com livros de histórias infantis e de textos do livro didático; leitura do alfabeto e sons das letras; atividades impressas, atividades do livro didático, bem como: de identificação das letras iniciais e finais, das sílabas iniciais e finais, de pinturas, de escrita de sílabas e ditado de palavras. Com relação aos métodos de alfabetização, foi identificado que a P1 utiliza o método fônico e alfabético, já a P2 utiliza o método alfabético.

Além disso, a partir das falas das professoras, percebeu-se, quanto à aprendizagem dos alunos, os desafios da alfabetização e do letramento. Em relação à aprendizagem dos alunos, foi apontado por elas: atraso das crianças em relação aos conteúdos; “falta de interesse” em realizar as atividades; baixa frequência escolar; dificuldade de compreender o sistema de escrita alfabética, bem como a leitura, como foi apontado pela P1. Com relação aos desafios do processo de alfabetização e letramento, as professoras apontaram as faltas dos alunos (P1) e a defasagem na aprendizagem (P2).

Quanto às estratégias que a escola e as professoras alfabetizadoras adotam para recuperar a defasagem na aprendizagem dos alunos, foi averiguado que a escola até oferece aulas de reforço, porém é ofertado para os alunos a partir do 2º ano. Em relação às professoras, indicaram que fazem em sala de aula a retomada do conteúdo e atividades que não foram tão compreendidas pelos alunos, melhoram a sua abordagem e tentam uma metodologia diferente.

Contudo, podemos verificar nas falas das professoras, em relação ao processo de alfabetização e letramento, que nada mudou no ensino e aprendizagem. Pois, deram-nos indícios de que depois da pandemia, a escola retomou as atividades presenciais e que o ensino continuou o mesmo como se não tivesse acontecido a pandemia, não houve mudança nas práticas pedagógicas e metodologias. Também, quando questionadas, não disseram nada sobre novas estratégias, da equipe escolar, para a garantia da recomposição da aprendizagem dos alunos. Tudo o que relataram, sobre a retomada do conteúdo e projeto de reforço, já era algo que acontecia mesmo antes da pandemia.

Também, os relatos sobre o desafio no processo de alfabetização, são preocupações que já ouvíamos falar até mesmo antes da Covid-19. Quanto a isso, consideramos, a partir das respostas obtidas durante as entrevistas com as professoras, que não atendeu as nossas perspectivas, uma vez que a problemática desta pesquisa se voltava para os desafios em alfabetizar e letrar no pós-pandemia da Covid-19.

Contudo, o presente trabalho contribuiu para o entendimento de como que ocorre o processo de alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental. Oportunizando uma experiência com a sala de aula, contato com as crianças em fase de alfabetização, com as professoras e com a instituição de ensino.

Por fim, esperamos que os resultados possam contribuir para ampliação da discussão sobre a temática, a fim de possibilitar a busca de meios para se aprimorar as metodologias e práticas pedagógicas, mas também, para que possamos refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem, de maneira que para além do estudo, possamos melhorar e superar os desafios enfrentados na alfabetização e letramento das crianças, colaborando na mudança de cenário de fracasso da educação no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Cleriston Izidro dos; FRANCISCO, Deise Juliana. Educação Infantil e tecnologias digitais: reflexões em tempos de pandemia. **Revista Zero a seis**, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/79007/45378>. Acesso em: 25 set. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 25 set. 2022.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Alfabetismo e educação escolar. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da. (org.). **Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007, p. 19-34.
- COUTINHO, Marília de Lucena. Psicogênese da língua escrita: o que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores. In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. (orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 47-69.
- DANTAS, Laís Soliño Francisco de Abreu; SILVA, Cristiana Barcelos da; MOURA, Jussara de Paula da Silva. A importância da alfabetização e letramento na Educação Infantil. **Revista Philologus**, v. 28, n. 84 Supl., p. 89-95, 2022. Disponível em: <https://revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/1305/1369>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- DOMINGOS, Antônia Aline de Sousa; et. al. **Desafios da alfabetização e letramento no pós-pandemia**. 2023. Disponível em: <https://uniateneu.edu.br/wp-content/uploads/2023/04/TCC-30.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2023.
- DUARTE, Rodrigo Gonçalves; DUARTE, Leonardo Felipe Gonçalves; SILVA, Dirceu Santos. Políticas educacionais no retorno das atividades presenciais na pandemia: o caso do Programa de Recomposição de Aprendizagens. **Conjecturas**, v. 22, n. 12, p. 108-128, 2022. Disponível em: <https://www.conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1538/1114>. Acesso em: 31 out. 2023.

FERRARO, Alceu Ravanello. História quantitativa da alfabetização no Brasil. In: RIBEIRO, Vera Masagão. (org.). **Letramento no Brasil: Reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2003, p. 195-207.

GALVÃO, Andréa; LEAL, Telma Ferraz. Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores(as). In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. (orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 11-28.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. In: Métodos e técnicas de pesquisa social. Atlas, p. 100-119, 2008.

GÜNTHER, Hartmut. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão**. Psicologia: teoria e pesquisa, v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006.

LEAL, Telma Ferraz. Fazendo acontecer: o ensino da escrita alfabética na escola. In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. (orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 89-110.

LEI Nº 1933 de 16 de junho de 2015. Aprova o Plano Municipal de Educação do Município de Naviraí e dá outras providências. Gerência Municipal de Educação e Cultura de Naviraí. Disponível em: [https://leismunicipais.com.br/pdf/Lei-ordinaria-1933-2015-Navirai-MS-consolidada-\[03-07-2015\].pdf](https://leismunicipais.com.br/pdf/Lei-ordinaria-1933-2015-Navirai-MS-consolidada-[03-07-2015].pdf). Acesso em: 01 nov. 2023.

MAINARDES, Jefferson. Alfabetização em tempos de pandemia. 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Jefferson-Mainardes/publication/354173008_Alfabetizacao_em_tempos_de_pandemia/links/612975e538818c2eaf649e09/Alfabetizacao-em-tempos-de-pandemia.pdf. Acesso em: 20 jul. 2023.

PELINSON, Júlia. Qual é o seu método? **Jornal Letra A**. Belo Horizonte, mar./abr. 2013, p. 8-10. Disponível em: https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/JLA/2013_JLA33.pdf. Acesso em: 02 ago. 2023.

RIBEIRO, Vera Masagão. (org.). **Letramento no Brasil: Reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2003, p. 7-29.

SEBRA, Alessandra Gotuzo; DIAS, Natália Martins. Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. **Revista Psicopedagogia**, v. 28, n. 87, p. 306-320, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n87/11.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2023.

SILVA, Roseane Pereira da. Leitura e escrita na alfabetização. In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. (orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 133-146.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. (org.). **Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007, p. 1-5.

SILVA, Lilian Lopes Martin da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Um livro, um evento, um tema: A alfabetização. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da. (org.). **Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007, p. 7-18.

SILVA, Sileusa Soares da. A importância da alfabetização e letramento na educação básica. **Revista Primeira Evolução**, v. 1, n. 16, p. 99-103, 2021. Disponível em: <http://primeiraevolucao.com.br/index.php/R1E/article/view/65/67>. Acesso em: 27 set. 2022.

SILVA, Valéria Ferreira e; COELHO, Érica Deyse dos Santos. **Alfabetização e letramento: utilização dos métodos no processo de alfabetização e letramento dos alunos nos anos iniciais**. 2020. Disponível em: <http://www.pesquisaemfoco.periodikos.com.br/article/5e651fc30e8825d3356705af/pdf/pesquisaemfoco-01-1-90.pdf>. Acesso em: 26 out. 2022.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão. (org.). **Letramento no Brasil: Reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2003, p. 89-113.

SOARES, Magda. Canal Futura. Métodos de alfabetização. Entrevista com Magda Soares. Canal Futura. **Youtube**, 18 jul. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mAOXxBRaMSY>. Acesso em: 02 ago. 2023.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. Ed., 8ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016, p. 13-25.

SOARES, Magda. **Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020, 9-39.

SOARES, Magda. CPNV UFMS. Mesa redonda “as dívidas que assumimos com a alfabetização na volta ao ensino presencial”. XIV Jornada Nacional de Educação de Naviraí: a pandemia e as perspectivas para a educação básica no Brasil. **Youtube**, 23 maio 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PEgA5sGFbJ4>. Acesso em: 23 out. 2022.